

**TECNOLOGIAS DO CIBERESPAÇO E NOVOS LETRAMENTOS: O QUE TEMOS NÓS,
PROFESSORES DE ESPANHOL, A VER COM ISSO?**

Raquel La Corte dos Santos
(Universidade Federal de Sergipe / Doutoranda-USP)

Introdução

Neste breve artigo, procurarei tecer uma reflexão sobre a presença cada dia mais visível de tecnologias do ciberespaço em diferentes situações do nosso cotidiano e o desafio de introduzi-las em espaços institucionais de ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira. E, o que são tecnologias do ciberespaço? Para responder essa pergunta, primeiro precisamos ter claro o que é ciberespaço. Embora essa palavra, e outras que utilizam a partícula composicional “ciber” já faça parte do vocabulário corrente, tais como cibercafé, cibersexo, ciberpoesia, é bom lembrar como ela foi definida no final dos anos 90.

A definição que trazemos é a do teórico Lévy (2010, p.17) para quem ciberespaço (que também chama de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Para o autor, o termo não diz respeito apenas à infraestrutura material da comunicação, mas também ao universo de informações que ela abriga, incluindo os seres humanos que nela navegam e alimentam esse universo.

Tendo essa noção de ciberespaço em mente, tecnologias do ciberespaço são tecnologias de informação e comunicação dependentes de conexão, desenvolvidas para operar em rede, dentro da hoje conhecida www (World Wide Web). Essas tecnologias do ciberespaço não são apenas um conjunto de técnicas mas agregam novos métodos e valores às máquinas que, por sua vez, resultam em novas práticas no mundo humano.

Castells (2001, 2003), outro teórico da “rede”, abre seu livro *A Galáxia da Internet*, com a frase: “A Internet é o tecido de nossas vidas”. Com essa frase, o autor nos leva a pensar na dimensão da penetração da internet em diferentes atividades da vida social. No título do livro – *A Galáxia da Internet* – e no título da página de abertura – *A rede é a mensagem* –, a referência a MacLuhan¹ salta aos olhos. Nota-se claro o objetivo do autor em nos mostrar que no despontar do século XXI, os meios de comunicação de massa deixam de ser o centro organizador e transmissor de mensagens e passam o bastão para a Internet. Para ele, a Internet representa uma revolução no modo como nos comunicamos, nos relacionamos, produzimos e transmitimos informações.

Sobre a Internet, também lemos em Xavier (2007,p. 199):

Não se pode mais negar o fato de que a Internet não é só mais uma nova mídia figurando entre as demais já criadas ao longo da história da inteligência humana. Ela é a mais revolucionária invenção dentro da avalanche de inovações tecnológicas das últimas três décadas, com reflexos mundiais

Lemos (2002, p.11) já tinha escrito: “A Internet é hoje um fenômeno hegemônico, embora ainda minoritário. Em breve, ela será percebida como uma infraestrutura banal como as redes de esgoto, água, luz ou telefone”.

1. Tecnologias de comunicação e informação em microcenos do cotidiano

Para ilustrar nossa reflexão, gostaria de descrever duas microcenos do cotidiano de algumas crianças que foram por nós observadas. São elas:

Cena 1: Numa escola de dança para adultos, num centro urbano de uma capital do nordeste brasileiro, três crianças aguardam seus pais em outro espaço da escola.

Observa-se que as três estão juntas sentadas no chão e brincam individualmente, **cada uma com seu celular**. A idade delas? Dez, nove e oito anos. A brincadeira? Jogos baixados da internet.

¹ Marshall McLuhan, teórico da comunicação é autor da difundida frase “o meio é a mensagem” e criador da ideia de “aldeia global”.

Cena 2: Num lar de um centro urbano, uma menina de 9 anos, conversa com a mãe, professora universitária:

Filha: Mãe, você pode me ajudar a fazer um *blog*?

Mãe: Ai, querida, agora não posso, preciso terminar a correção desse relatório mas você pode entrar no Youtube e procurar um tutorial que te ensinará a fazer um *blog*, você digita no Youtube “como fazer um *blog*” e vai aparecer tutoriais que te ensinarão. Tenta fazer isso, depois eu te ajudo.

A criança entra no *Youtube*, abre alguns tutoriais mas acha isso “chato”, então, decide entrar no *chat* de uma rede social, na qual está cadastrada e procurar alguém de sua rede de amigos que possa ajudá-la a fazer um *blog*. Encontra uma amiga e vai fazendo seu *blog* “sozinha” e, depois, só chama a mãe para que veja o título, a temática e diga se gostou da aparência do *blog*. Em seguida começa a desfrutar de sua criação, produzindo seus primeiros *posts* e divulgando para suas amigas.

Nas cenas um e dois, observamos no cotidiano de crianças, de determinada condição social, a presença de tecnologias de informação e de comunicação e como elas parecem estar totalmente integradas ao mundo dessas tecnologias.

Na primeira cena, chamam a atenção do observador três aspectos; o primeiro é o fato de essas crianças portarem um aparelho celular sofisticado com acesso à internet; provavelmente são crianças oriundas de classe média, pois tem acesso a artefatos tecnológicos pouco acessíveis a classes menos favorecidas; o segundo aspecto, é o modo como usam esses aparelhos, demonstrando saber não somente manusear os artefatos como explorar sua ludicidade. Celulares se transformam em brinquedos, em entretenimento. E o terceiro aspecto é o modo como brincam, que chamamos de “juntas individualmente”, o que pode parecer paradoxal. Ou seja, “juntas” porque ocupam o mesmo espaço físico da sala e estão uma ao lado da outra e, “individualmente” porque não brincam diretamente umas com as outras mas cada uma joga no seu celular, olhos e ouvidos estão atentos à tela do aparelho e parecem, à primeira vista, não interagir umas com as outras; no entanto, observamos que elas conversam sobre o jogo, informam os colegas sobre quantos pontos fizeram, em que fase estão etc. O que nos leva a questionar se elas estão brincando individualmente ou se estão instaurando outro modo de brincar junto, outro tipo de sociabilidade: um estar junto mediado por novas tecnologias.

Na segunda cena, percebe-se que a criança está familiarizada com um léxico relacionado às novas tecnologias, já que tem noções do que seja um *blog*, conhece o

site de compartilhamento de vídeos e músicas proposto por sua mãe, sabe procurar por uma informação, está cadastrada numa rede social, sabe usar o “chat”, lê e escreve na tela do computador, tenta solucionar seu problema buscando a colaboração em rede, poderíamos dizer, pensando no conceito de letramento proposto por Soares (2002) que essa menina está na “condição ou estado de quem participa de práticas sociais de leitura e escrita” no ciberespaço, podemos dizer que ela é letrada digitalmente. Esse letramento percebe-se também na forma como a criança assume uma postura ativa e toma decisões diante do desafio de aprender a fazer um *blog*, mostrando uma nova forma de aprender, um aprender autônomo mediado por tecnologias do ciberespaço, um aprender fora da sala de aula. Para Buzato (2006, p.5):

os letramentos são práticas sociais e culturais que têm sentidos específicos e finalidades específicas dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade do grupo, são aprendidas em eventos coletivos de uso da leitura e da escrita, e por isso são diferentes em diferentes contextos sócio-culturais.

É interessante pensar que o que ocorre na cena dois é algo situado sócio-historicamente no raiar do século XXI, se pensarmos que o site de compartilhamento Youtube nasceu em 2005 e que *blog*, no início chamado “diário online” – *web log* – é de 1997, sendo melhor divulgado no Brasil nos anos seguintes.

A cena número dois, aparentemente simples, nos revela como sites de busca, redes sociais e sites de compartilhamento de arquivos e outras tecnologias estão sendo velozmente assimiladas pela sociedade, particularmente por crianças, desde a mais tenra idade, mostrando sua capacidade de penetrabilidade e assimilação.

Cenas como essas estão se tornando banais no cotidiano de crianças que vivem em centros urbanos e que têm determinada condição social. E o que essas cenas estão nos dizendo? Quais sentidos podemos construir a partir delas? O que essas cenas da realidade podem nos dizer sobre novas formas de aprender e de interagir e sobre novos letramentos?

2. Novos letramentos e o ensino de espanhol como língua estrangeira

A palavra letramento tem sido utilizada por educadores e linguistas para referir-se a determinadas práticas e técnicas que envolvem a compreensão de produção de linguagens. O termo, que veio do inglês, *literacy*, foi traduzido para o português como letramento e diz respeito principalmente às práticas sociais de leitura e escrita. Com o conceito de letramento proposto por Soares (op.cit.), vivemos um momento privilegiado para identificar o estado ou condição que as novas práticas de leitura e escrita no ciberespaço estão instituindo.

E como podemos relacionar essas discussões feitas até aqui com o ensino de espanhol como língua estrangeira?

Gostaria de fazer essa reflexão a partir do depoimento de um sujeito em situação de aprendizagem formal de espanhol, em nível universitário, realizando sua segunda graduação. Trata-se de uma aluna de uma disciplina inicial do Curso de Letras/Espanhol, diante da proposta da docente de uso de recursos do ciberespaço, através da participação em um grupo de uma rede social, como complemento às atividades presenciais. Diante da pergunta da docente postada no grupo específico, criado para a interação exclusiva dos alunos da disciplina, dentro da rede social, sobre o que os alunos estavam achando de usar alguns recursos da internet, a aluna responde:

Aluna: A mi no me gusta nadie estudiar en la computadora. Además la internet no es buena. No estoy preparada para usar internet. Soy dependiente de mis hijos.

Percebe-se claramente que esse depoimento contrasta radicalmente com as cenas descritas no item 1 deste artigo. Se naquelas cenas observamos sujeitos totalmente integrados e disfrutando dos recursos tecnológicos, neste depoimento, temos um sujeito aluno adulto que demonstra estar numa situação desconfortável em relação ao uso das tecnologias.

Do ponto de vista da aprendizagem da língua alvo, analisando de forma superficial a singularidade desse depoimento, parece haver, nessa produção não-nativa, um gesto da aluna de aproximação em direção à língua meta, o que

supomos quando observamos a sintaxe do verbo “gustar”; o uso de operadores argumentativos como “además”, as formas conjugadas dos verbos e por que não incluir o substantivo “nadie”, usado no lugar de “nada”, talvez usado estrategicamente, para fugir de uma forma idêntica ao português. Com relação às tecnologias, o que essa enunciação manifesta é uma certa resistência da aluna em participar de práticas do ciberespaço, tais como a de ler e escrever numa rede social. Ela usa duas negativas: “*No me gusta, no estoy preparada*”. A primeira parece ter uma carga mais afetiva, “*no me gusta*” e a segunda demonstra uma consciência de seu despreparo, de sua condição de não letrada digital e de seu incômodo por ter que depender de outros: “*soy dependiente de mis hijos*”. Além disso, a aluna enfrenta possivelmente problemas técnicos y econômicos: “*la internet no es buena*”. À primeira vista, se analisássemos apenas a linearidade discursiva de “*ademas, la internet no es buena*”, pensaríamos numa relação de oposição na qual a aluna estaria expressando um juízo de valor sobre a internet, entretanto, analisando o contexto e obtendo mais informações da própria aluna, pedindo que explicasse a frase “*además la internet no es buena*”, ficamos sabendo que quando diz “*la internet no es buena*” o que diz é que sua internet não é banda larga, não é veloz, ou seja, que seu acesso é restrito e, portanto, ela tem dificuldades para acompanhar as atividades postadas na rede.

O depoimento descrito nos mostra a heterogeneidade de experiências de sujeitos com o meio digital, com recursos do ciberespaço e que não é tão simples incorporar novas tecnologias do ciberespaço no ensino presencial, ainda há barreiras de diferentes naturezas: afetivas, econômicas, cognitivas.

Temos, muitas vezes, no ensino superior, alunos que não participaram de práticas de letramento digital. Para ser letrado digitalmente, aluno e professor precisam ter acesso ao mundo digital, ter acesso aos espaços digitais e participar das práticas sociais de leitura e escrita digital, o que pressupõe ter um computador com bom acesso à internet, conhecer o hardware (manuseio do teclado, mouse, monitor e otros periféricos) e ter conhecimentos básicos de informática. Pode parecer, para muitos, que essas etapas já foram superadas, que agora temos que ir

direto aos recursos do ciberespaço, porém, sabemos, que ainda há um número considerável de alunos que chegam ao ensino superior e não têm acesso a computadores, muito menos a computadores com acesso à internet. Poderíamos dizer que estão em processo de inclusão digital, muitos deles, na verdade, sequer participam competentemente das práticas sociais de leitura e escrita em sua língua materna, usando recursos convencionais anteriores ao advento do ciberespaço. A “simples” leitura na tela não é algo tão simples, muitos textos digitais que circulam no ciberespaço fazem entrar em contato com outras linguagens e outros textos, pois muitas vezes os textos escritos estão ao lado de imagens, e materiais sonoros, *hiperlinks* além de toda uma configuração gráfica da tela. A prática de leitura e escrita na tela traz aspectos que ampliam a noção de letramento que se relacionam diretamente com tecnologias do ciberespaço que são a multimodalidade e o hipertexto.

Percebemos, então, que a passagem de uma cultura do impresso para uma cultura digital não é tão simples como possa parecer, faz-se necessário uma passagem de um letramento a outro, a fim de transitar pelo ciberespaço e tornar-se participante crítico dessa cibercultura. Faz-se necessário altos investimentos públicos em educação, na formação continuada de professores e na democratização do acesso a internet de boa qualidade.

À guisa de continuação

A cibercultura, como nova forma da cultura, como diz Lemos (2002, p.13) é uma realidade, está em toda parte, nas universidades, nos lares, em diferentes espaços de convivência, mas nem todos participam das práticas que ela institui. Faz-se necessário processos mediadores, no bom estilo vygotskyano², no qual os mais experientes colaboram com os menos experientes e a experiência, no nosso caso, não corresponde à idade e sim a ter tido experiências com as tecnologias do

² Aqui me refiro ao clássico conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal.

ciberespaço, nesse sentido, podemos aprender muito com as crianças, por exemplo.

Cabe a nós, professores, os que temos acesso a determinada infraestrutura, tentar desencadear um processo de letramento digital e fazer convergir diferentes letramentos, e assumir a tarefa de introduzir na rotina da sala de aula recursos do ciberespaço para poder contribuir com a mudança da condição ou estado dos sujeitos aprendizes. O uso, por exemplo, de ferramentas do ciberespaço como o e-mail, o blog, as chamadas redes sociais, contribuem para o letramento digital dos alunos e, no caso do espanhol, favorecem o desenvolvimento da escrita e da leitura na língua alvo.

Referências

BUZZATO, Marcelo E.K. (2006). Letramento Digital e Formação de Professores. Em: III Congresso Ibero-Americano Educare de: Educação, Internet e oportunidades, São Paulo. Anais (on-line), São Paulo, CENPEC, 2007 Disponível em: <http://www.educared.org/educa/img_conteudo/MarceloBuzato.pdf. Acessado em: janeiro de 2012.

CASTELLS, Manuel. (2007). *A Sociedade em Rede*, vol.1. São Paulo: Paz e Terra.

CASTELLS, Manuel. (2003). *A Galáxia da Internet*. Rio Janeiro. Zahar.

LEMOS, André. (2002). *Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, Editora Sulina.

LÉVY, Pierre. (2010). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

SOARES, Magda. (2002), *Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura*, Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. (1988) *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. (2007) A dança das linguagens na web: critérios para a definição de hipertexto. Em: SILVA, Thais Cristófaró, MELLO, Heliana (Orgs.). *Conferência do V Congresso Internacional da ABRALIN*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.